

Rosh Hashana

A ideia central dos dez dias de arrependimento que começam com Rosh Hashaná é conhecida. A Teshuvá parece um conceito óbvio, mas definitivamente não o é. Iona foi o único dos profetas na Bíblia que nos narra ter vivenciado um relativo sucesso educativo.

Nenhum outro teve, nem Moshe Rabeinu. Depois de seu sucesso, ele preferiu morrer, por discordar da idéia da Teshuvá, argumentando que este era um tremendo desequilíbrio que ameaçava a idéia de justiça. A Teshuvá é algo impossível também do ponto de vista filosófico. Em teoria, somos condicionados por nossa biologia e psicologia, que se incluem em nossa genética, e pela sociologia e a história. Se alimentássemos um super computador com todos os dados possíveis sobre uma pessoa e seu contexto, ele poderia chegar a acertar seu próximo passo a ser dado na vida.

No entanto, a ideia judaica de Teshuvá acredita na possibilidade de que podemos superar o fardo que carregamos em nossas costas e dizer: hoje eu decido mudar e o que eu fiz de errado até ontem se converte em bem. Como bem foi resumido pelo Rambam, no Mishnê Torá (Leis de Teshuvá 5:1): "Todo homem goza de livre arbítrio, se quiser optar pelo bom caminho e ser um homem justo, é livre para fazê-lo, se quiser optar pelo mau caminho e ser um vilão, é livre para fazê-lo." O verbo acreditar em Teshuva é o acertado neste caso, porque possivelmente não se pode demonstrar a Teshuvá, mas sim acreditar nela. É uma espécie de aposta no futuro, sendo conscientes de que nunca teremos certeza absoluta de que a conseguimos, mas que nos serve como hipótese para que nossas vidas sejam significativas. Para que esta aposta possa ser eficaz, ela exige de nós uma postura existencial perante a vida. Maimônides resumiu isto também de forma brilhante em seu livro (Leis de Teshuvá, 7:2): "Todo homem deve ser sempre considerar a si mesmo como se estivesse prestes a morrer, e por temor de morrer no pecado, deverá arrepender-se em seguida. Nunca diga: "Arrepender-me-ei quando envelheça, pois se pode morrer antes da idade". Cada comportamento é o último, o distintivo, aquele que irá qualificar toda a sua vida. Soa extremo, mas se a aposta é na idéia de Teshuvá, assim deve ser, não há outra opção.

Nossa tradição não só acredita na possibilidade de mudança, mas também na grande responsabilidade que temos ao nos comportarmos de uma certa maneira, considerando a sua próxima conduta como sendo aquela que determina que tipo de pessoa que seremos. Recordemo-nos que a Teshuvá é uma mitzvá que não é determinada pelo tempo, ou seja, não há um momento específico para mudar, todos são obrigatórios. Em síntese a Teshuvá é uma postura perante a vida. Os dez dias entre Rosh HaShaná e Iom Kipur são apenas uma lembrança deste fato. Portanto, a eficácia dos dez dias de Teshuvá deveria durar o ano inteiro. Se não for assim e tomarmos este período como algo específico, exclusivo, único e mágico e em seguida, retornarmos à vida cotidiana e à falta de consciência da mudança e da melhoria em todos os momentos, não teremos cumprido corretamente a tarefa confiada por nossa tradição, que luta constantemente para superar o pensamento mágico e infantil, conforme definido pelos modernos pensadores judeus.

A vida sem a possibilidade de Teshuvá é certamente mais leve, mais suportável. O judaísmo não nos oferece exatamente uma vida confortável. Deveríamos aprender muito com nossos erros e com o nosso sofrimento, que são o principal fator de crescimento humano. Quando o Guemará nos diz: "Aquele que é acometido pelo sofrimento, melhor corrigir suas ações"

(Brachot TB 5: a) ela está nos ensinando a aproveitar as crises como uma janela para algo novo, uma possibilidade inesperada que somente é permitida pela existência da Teshuvá.

Shana Tova Umetuka !

Rabbi Ari Bursztein
S.I.B. de Mendoza
Mendoza, Argentina

